

VII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

07 a 08 de Dezembro de 2017

SIMBIOSE E MATRINIDADE NA CONTEMPORANEIDADE: COMO SE CONFIGURA A RELAÇÃO PRIMÁRIA MÃE-BEBÊ

Giovana Murari Zampieri (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Aline Sanches (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil).

contato: giovana_zamp@hotmail.com

Palavras-chave: Desenvolvimento. Maternidade. Psicanálise. Relação mãe-bebê.

O presente trabalho aprofunda-se na temática do desenvolvimento infantil a fim de investigar a essência e importância da relação primária entre mãe-bebê que ocorre no início da vida, já que essa primeira relação é capaz de proporcionar grandes aquisições psíquicas ao futuro desenvolvimento do bebê. Autores psicanalistas que se dedicaram a esta temática como Mahler e Winnicott, destacam a importância da presença da mãe, ou alguém que faça seu papel, nos primeiros meses de vida do bebê, para que esta relação possibilite, no campo psicológico, uma continuidade da vida intra-uterina que proporciona o desenvolvimento e individuação futura do bebê.

A partir disso, podemos considerar que no campo da psicanálise esta relação inicial entre mãe e bebê possui um caráter simbiótico que diz respeito “não a uma condição comportamental, mas a uma *condição intrapsíquica*,” (MAHLER, 1977, p. 21, grifo nosso) em que mãe e bebê passam a viver, durante os meses iniciais de vida, como se “ela é o bebê e o bebê é ela” (WINNICOTT, 1999, p. 4). Vale ressaltar que o termo simbiose só passou a ser aceito na teoria por autores psicanalistas quando Mahler o introduziu em seus estudos na fenomenologia das relações de objeto, pois a origem do termo está nas ciências biológicas.

Na teoria de Mahler o desenvolvimento do bebê é compreendido por meio de duas fases iniciais, sendo a primeira a fase autística e a segunda a fase simbiótica. Nas duas fases há necessidade da presença de uma mãe que faça a ligação do mundo interno do bebê com o mundo externo. Em sua obra “*O nascimento psicológico da criança: simbiose e individuação*” (1975) Mahler utiliza o termo simbiose como uma metáfora para ilustrar a fusão que é vivida, durante a fase simbiótica do desenvolvimento, pela mãe e o bebê, isto é, “a fusão somatopsíquica onipotente alucinatória ou delirante, com a representação da mãe e, em particular, o delírio de uma fronteira comum entre dois indivíduos psiquicamente separados” (MAHLER, 1977, p.63).

VII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

07 a 08 de Dezembro de 2017

Já Winnicott, apesar de não utilizar o termo simbiose propriamente dito em sua teoria refere-se muito ao momento inicial do desenvolvimento do bebê, dando enfoque na mãe que é o objeto facilitador da relação do bebê com seu mundo externo. O momento de simbiose entre a mãe e o bebê na teoria winnicotiana antecede o nascimento e prolonga-se após ele, isto porque é necessário que a mãe prepare-se para adentrar em um estado psicológico denominado “A preocupação materna primária” (1999) que provê o cuidado e a identificação da mãe para com o bebê, pois, “O importante é que eu sou *não significa nada*, a não ser que eu, inicialmente, *seja juntamente com outro ser humano* que ainda não foi diferenciado”. (WINNICOTT, 1999, p. 9, grifo do autor).

Há outro conceito retratado na teoria winnicotiana muito conhecido: o “Holding the baby” (1999) que significa, traduzindo para o português, segurar o bebê. Podemos dizer de uma forma simples e resumida, que esta expressão representa tudo o que a mãe é e faz, pois, segundo Winnicott (1999) todas as mães possuem um senso de responsabilidade e quando estão com os bebês em seus braços os envolvem de forma muito especial e extremamente natural, devido à dedicação que elas têm com seus bebês, portanto, “a maneira como a mãe se comporta e se sente em relação a seu filho exercerá uma grande influência sobre a saúde do bebê pelo resto de sua vida” (ABRAM, 2000, p.141).

Toda esta contextualização da relação primária mãe-bebê ressaltando a sua importância foi importante e necessária para que agora possamos problematizar o objetivo desta pesquisa.

Considerando que na atualidade os papéis sociais parecem estar mais flexíveis do que antigamente, torna-se possível questionar a norma cultural que associa a função materna ao sexo feminino. Vale ressaltar que a teoria psicanalítica e suas vertentes foram construídas em consenso com esta norma e consideram como um ideal de desenvolvimento quando é a mesma mulher que engravida, torna-se mãe e se faz presente na relação simbiótica. É fato que a teoria concorda que alguém deve estar em simbiose com o bebê ao menos nos três primeiros meses de vida, a fim de proporcionar o desenvolvimento do bebê, entretanto, o objetivo aqui é problematizar como podemos pensar a configuração desta relação considerando o novo lugar da mulher na sociedade contemporânea. A ideia de fato não é apresentar um modelo de como ser mãe ou até mesmo propagar um maniqueísmo, mas, consiste na problematização da função materna neste momento inicial da vida do bebê a partir do contexto contemporâneo.

De acordo com Scavone (2001), maternidade é um fenômeno social marcado pelas

VII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

07 a 08 de Dezembro de 2017

desigualdades sociais, raciais, étnicas e pela questão de gênero que lhe é subjacente. Se analisarmos o contexto atual da mulher na sociedade que passou de ser um ser passivo para um ser participativo por meio de várias conquistas que transformaram suas vidas, podemos considerar também que “a gravidez e a maternidade são acontecimentos biográficos [...] que têm repercussões inevitavelmente transformadoras *sobre a vida da mulher* [...]” (VAISBERG; GRANATO, 2006, p. 18, grifo nosso).

Em meio a tantas transformações, como durante a gravidez, é o corpo da mulher que sofre alterações e cabe a ela carregar outra vida dentro de si. Winnicott (1999) defende a ideia de que neste momento o pai precisa ser o ambiente fortalecedor da mãe para que ela possa cuidar do bebê, entretanto, pode ser que o pai não goste da tarefa que lhe cabe, ou até mesmo pode ser que não haja um pai e isso não é um problema, já que alguém pode substituí-lo. A mesma situação pode acontecer com as mães, pois, “a experiência de entrar em contato com o bebê, este desconhecido/conhecido, é, de fato um mergulho no real, no mistério da vida. É terrível e é maravilhosa exigindo muito do psiquismo da mulher.” (VAISBERG; GRANATO, 2006, p. 21), essa exigência é vivida de uma forma distinta por cada mãe, algumas acabam por realizar o sonho que sempre foi idealizado neste momento e há mães que preferem viver suas idealizações em outros aspectos de suas vidas. Novamente, isso não é um problema, mas constitui-se bastante problemática a situação em que somente a mãe é responsabilizada pelos cuidados iniciais do bebê.

A visão de mãe na teoria winnicottiana remete a ideia de um terapeuta, pois, mesmo não sendo a mãe que gestou e pariu biologicamente falando, o terapeuta cuida e zela de seu paciente por meio de uma postura maternal. Se considerarmos essa ideia da figura materna, de alguém que cuida e zela do bebê com uma postura maternal independente de ter dado a luz a ele, é possível que alguém faça o papel da mãe da mesma forma que alguém pode substituir o pai. É fato que o bebê necessita de alguém que seja sua ponte para o mundo externo, que faça com que ele possa SER por meio de uma identificação, pois sozinho ele não existe. A questão então é a importância da função materna nesta díade, mais do que a associação mãe-mulher ou mãe adotiva – mãe biológica; o que importa é que esta figura materna e o bebê possam viver a experiência de ser uma unidade completa que busca o desenvolvimento do bebê.

Assim como os papéis sociais foram se modificando com o tempo, os significados sociais que a gravidez e a maternidade podem assumir também foram. É notável que “na

VII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

07 a 08 de Dezembro de 2017

modernidade, [...] as associações da identidade feminina aos fenômenos “naturais”, especialmente às ocorrências de corpo como reprodução, têm sido duramente criticada pelos estudiosos das questões de gênero” (ZUCCHI, 2000 p. 6) o que nos permite ressaltar ainda mais a visão de mãe da teoria winnicottiana e considerar que hoje todas essas discussões a respeito deste fenômeno social cultural denominado maternidade contribuem para que não se faça associação dele como função única e exclusiva da mãe que gerou, , ou mesmo do gênero mulher.

Referências

ABRAM, J. (1996). **A linguagem de Winnicott**: dicionário das palavras e expressões. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

MAHLER, M. (1975). **O nascimento psicológico da criança**: simbiose e individuação. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. 250 p.

SCAVONE, L. **Maternidade**: transformações na família e nas relações de gênero. Interface - Comunicação, Saúde, Educação. UNESP, v. 5, n. 8, fev. 2001. p.47-59. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/30384>. Acesso: 10 dez. 2016.

VAISBERG, T; GRANATO T. **Ser e fazer**: na clínica winnicottiana da maternidade. São Paulo: Idéias e Letras, 2006. 128 p.

WINNICOTT, D. (1988). **Os bebês e suas mães**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 97 p.

ZUCCHI, M. **Estranhas entranhas**: psicanálise e depressão na gravidez. 2000. 122 p.